

CUIDADO COM OS QUE PROCLAMAM PAZ E SEGURANÇA – EIS QUE VIRÁ DESTRUIÇÃO E DOR

Uma escatologia da resistência em 1 Tessalonicenses?

Marga J. Stroher

Entroncamento de estradas, porto movimentado, gente de diversos povos e lugares, múltiplas divindades, diversas categorias de trabalho, desempregados, escravos e escravas; presença pesada do exército, oficiais administrativos, templos imperiais e todo tipo de construção e conforto para atender a elite; angústias, aflições, privações, sofrimentos, oposições na cidade e na comunidade cristã. Esse poderia ser um resumo da realidade, do cotidiano e da história política e religiosa da cidade de Tessalônica.

A Primeira Carta às e aos Tessalonicenses é talvez a que menos destaque recebe das cartas do círculo paulino¹. Por essa razão, ainda que o tema principal desse artigo seja a escatologia e a parusia, faço uma breve apresentação à carta e ao contexto da comunidade de Tessalônica. Até porque muitos elementos do discurso escatológico da Primeira Carta aos Tessalonicenses são re-apropriados ou re-significados da realidade da cidade e da situação da comunidade cristã na cidade de Tessalônica.

1. A Primeira Carta às e aos Tessalonicenses – Uma introdução ao mais antigo texto do Novo Testamento

1.1. Alguns dados históricos – a cidade de Tessalônica

A cidade de Tessalônica foi fundada em 300 aC pelo general Cassandro da Macedônia, em homenagem à sua mulher *Tessaloniké*, irmã de Alexandre, o Grande. Foi eleita a capital da província romana da Macedônia (desde 146 aC), tornando-se a mais importante cidade da província. Como centro da administração romana da província, tornou-se lugar de residência do procônsul romano (desde 42 aC), o que mostra a sua importância político-administrativa. A presença militar era intensa através de soldados, oficiais e controle. A localização geográfica da cidade era estratégica, transformando-se, assim, em importante centro de encontro entre o Oriente e o Ocidente. Para atender a elite política e militar, os funcionários públicos e os comerciantes, foram construídos teatros, saunas, praças, santuários e hospedarias. Nessa região passavam as estradas romanas mais importantes: a *Via Egnatia*, a *Via Ápia*, a *Estrada da Acaia*². A cidade tinha um importante porto, que favorecia o comércio agrícola, mineral e marítimo, além de madeira e produtos manufaturados. A atividade agrícola es-

1. Recomendo o estudo de FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*. A igreja surge como esperança dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, Metodista, Sinodal, 1991.

2. A *Via Egnatia* saía da costa dálmata (atual Albânia) e cruzava a Grécia setentrional, a *Via Ápia* ligava Roma ao ponto Euxino e à Ásia, e a *Estrada da Acaia* que ligava a Acaia (Atenas) ao norte da Ásia e ao Danúbio.

tava direcionada ao cultivo de trigo, cevada, oliveiras, uvas e outras frutas, além de rebanhos. O sistema de produção era basicamente escravista, tendo assim um grande número de pessoas escravas na cidade. A maior parte da população era pobre, trabalhadora no porto ou como pescadores, artesãs e artesãos.

A cidade era populosa (conforme Estrabão), composta por gregos, macedônios, latinos, sírios, egípcios e judeus (segundo inscrições da época), consequência da colonização romana. Isso trazia uma diversidade social, cultural e religiosa que nem sempre indicava convivência pacífica, mas tensões, especialmente sociais e econômicas. Havia na cidade uma multiplicidade de cultos e divindades de origem greco-latina, egípcia e judaica – evidências arqueológicas indicam que havia pelo menos 20 divindades cultuadas ali, como Cabiros, Dioniso, Afrodite, Deméter, Asclépio, Ísis, Serápis e Osíris. A que tem destaque é a deusa Roma, que, juntamente com os chamados benfeitores e os cultos imperiais, ocupa destaque na cidade. E Cabiros, por ser uma divindade popular, tendo os mais pobres como seus adeptos. Durante o reinado de Antônio e Augusto (entre 35-29 aC) foi construído um templo de César. “Tessalônica aclamou Júlio como deus” ou como filho de deus – *divi filius* (confirmação de inscrições em moedas de 27 aC) e nessa época a efígie de Zeus nas moedas da cidade é substituída pela de Augusto³.

1.2. A comunidade de Tessalônica e a missão paulina

A comunidade de Tessalônica provavelmente não foi fundada por Paulo, mas por grupos de missão que antecederam Paulo na Ásia Menor e no mundo mediterrâneo. Se a indicação de At 17,1-15 confere, Paulo chega em Tessalônica acompanhado por Silas e fica hospedado na casa de Jasom. Há alvoroço na praça da cidade, aparentemente provocado por judeus (17,5). A casa de Jasom é invadida à procura dos dois missionários. Jason e outros irmãos, e provavelmente outras irmãs, são chamados perante autoridades da cidade para prestar contas acerca de Paulo e Silas, mas também deles mesmos, sob a acusação de que “todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando que Jesus é rei” (17,7). Estes são soltos após pagar a fiança (17,9). A pregação provoca desacordos e Paulo e Silas têm que fugir durante a noite até Beréia (17,10).

Na carta há diversas referências a angústias e muitas tribulações/aflição (*thlipsei pollé* – 1Ts 1,6; 3,7), a atribulados (*thlibesthai* – 3,4), a privações (*anagke* – 3,7), a sofrimentos (*epathete* – 2,14), a forte oposição (*en pollō agōni* – 2,2) e a satanás/tentador (*ho peirazōn* – 2,18; 3,5). Essas referências podem estar vinculadas aos acontecimentos relacionados ao conflito com a casa de Jasom e/ou a oposição política. Jorge Pixley, contudo, defende a tese de que não havia judeu-cristãos em Tessalônica, conforme relatado por Atos, mas gentios convertidos, conforme está registrado na própria carta: “deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadei-

3. Cf. C. Timóteo CARRIKER. A hermenêutica escatológica de Paulo: 1 Tessalonicenses 4,13; 5,11. *Práxis*, n. 1 (2002), p. 15-16, Joel Antônio FERREIRA, *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*, p. 28ss e Raymond E. BROWN, *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 609s.

ro” (1Ts 1,9) e que a menção aos judeus (2,14.16) refere-se aos que perseguiram irmãos e irmãs dessa comunidade⁴.

1.3. A carta às e aos Tessalonicenses

Antes do envio da carta, Timóteo viaja a Tessalônica para ter notícias da comunidade (3,1-5). As notícias de Timóteo sobre a fé e o amor presentes na comunidade deixam Paulo e seus companheiros contentes, especialmente pelas obras da fé, do trabalho do amor e da esperança perseverante da comunidade (1,2-3). A Primeira Carta aos Tessalonicenses, datando de cerca de 49-50 a.e.c. foi escrita a três mãos (Paulo, Silvano e Timóteo – 1,1). Esse é o escrito preservado mais antigo do Novo Testamento. Argumentos são (a) a ênfase na *parusia*, indicando um período mais próximo aos primeiros tempos das primeiras comunidades cristãs (antes de 50), que viviam na expectativa de uma vinda iminente de Jesus; e (b) o fato de não ter qualquer referência a cargos ou funções comunitárias específicas, apenas às lideranças como as que presidem a comunidades (*proistámenoi* – 1Ts 5,12).

O escrito, por ser considerado o mais antigo do Novo Testamento e a primeira carta de Paulo e seus companheiros de missão, pode dar indicativos da teologia paulina embrionária e da organização das primeiras comunidades cristãs desse período. A carta apresenta instruções sobre o trabalho da liderança que preside a comunidade (*proistamenous* – as/os que *presidem* – 1Ts 5,12.13), o que também está na carta aos Romanos (quem *preside* – Rm 12,8; *prostátis* – *presidente/dirigente* – Rm 16,2). Febe é a única pessoa no Novo Testamento a ser chamada com o título de *prostátis*. O uso de termos como *proistámenoi* mostra uma etapa mais antiga da organização das primeiras comunidades cristãs, pois essa expressão desapareceu posteriormente, dando lugar a *epískopoi* – *supervisores* (cf. 1Tm 3; Tt 1 e as cartas de Inácio de Antioquia). Estes não são mencionados em 1Ts 5,12-18, que é uma parênese com diversas recomendações e conselhos para a comunidade em relação aos seus e suas líderes e seria oportuno mencionar a liderança com as respectivas funções comunitárias. Jutta Bickmann – contrapondo-se à exegese tradicional, que não vê grande teologia a partir de um sistema de pensamento teológico paulino nessa carta – chama a atenção para a teologia da carta, que está mais firmada no âmbito das relações e dos vínculos estabelecidos⁵. Esse aspecto evidencia-se nas orientações e na linguagem da carta. A comunidade é orientada a ter apreço pelas lideranças, viver em paz uns com os outros, consolar os desanimados, amparar os fracos, ser generoso com todas as pessoas, não retribuir mal por mal, regozijar-se, orar sem cessar, entre outras. A linguagem da carta é afetuosas e nela a comunidade é lembrada de que fora evangelizada pelos apóstolos, como uma mãe (2,7) e um pai (2,11), estes tornando-se carinhosos e afetuosos no consolo e

4. Jorge PIXLEY, As epístolas paulinas: de cartas ocasionais a Sagrada Escritura, *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 42-43, p. 102.

5. Jutta BICKMANN, *Der erste Brief an die Gemeinde in Tessalonich* – Gemeinschaft bilden im Widerstand gegen den Tod. In: SCHOTTROFF, Luise e WACKER, Marie-Theres (Ed.). *Kompendium feministische Bibelauslegung*. Gütersloh: Christian Kayser/Gütersloer Verlaghaus. 1998, p. 647.

na exortação, não exigindo ajuda material, mas trabalhando com as próprias mãos para o sustento (2,7-12).

Na ação de graças da carta são apresentados – o que aparece desenvolvido em 1Cor 13 – os três pilares da comunidade cristã: a *fé*, o *amor* e a *esperança* (1,3; cf. também 5,8). Donfried chama a esperança e a *parusia*, em 1Ts, de temas gêmeos: *esperança – elpis* (1,10; 2,19; 3,13) e *parusia* (2,19; 3,13; 4,14 e 5,23)⁶. A firmeza da esperança seria a maior preocupação do apóstolo com essa comunidade.

Os autores da carta pretendem fortalecer a comunidade na fé; e apresentam a fé cristã como essencialmente *crer que Jesus é Filho de Deus; que Deus o levantou da morte, e que Jesus ressurreto voltará como juiz e redentor*. Isso representava a síntese teológica e confessional das primeiras comunidades cristãs. A perspectiva é a da volta de Jesus em um tempo próximo (futuro imediato, *era vindoura*: 1,10; 2,16; 5,9). A afirmação teológica de 5,9-10 é considerada, em resumo, a teologia paulina e do cristianismo primitivo: “*porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nós para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos em união com ele.*”

2. A *parusia* – paz e segurança?

Em 1Ts 4,13–5,11 encontramos instruções quanto à vinda de Jesus – a *parusia*. As recomendações são para os membros permanecer “revestidos da couraça da *fé* e do *amor* e capacete da *esperança* da salvação” (5,8 – paralelo em Ef 6,10-20). Para H. Koester, *parusia* não é um termo técnico para falar da vinda ou presença de Cristo, mas foi introduzido nessa carta; é “um termo político intimamente vinculado com o *status* da comunidade”⁷. Este termo é reapropriado, provavelmente em contraposição ao uso corrente do termo *parusia* como termo político para a marcha triunfal de um general ou político (2,19; 3,13; 4,15; 5,23). Em 1Ts 5,3, fica evidente a referência a uma política oficial: *Quando andarem dizendo: paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores do parto à que está por dar à luz e de nenhum modo escaparão*. Carriker aponta que essa “é uma alusão irônica à propaganda imperial românica que circulava em Tessalônica”⁸.

A pax romana, se representou alguma estabilidade pela ausência de guerras ou redução das mesmas, é uma paz estabelecida a partir de uma política de anexação de territórios, subjugação de povos e culturas e taxação da população. *Paz e segurança* faz parte da propaganda oficial do Império Romano. *Asphaleia* é encontrado em papiros como termo legal de garantia, segurança.⁹ Na tradição judaica, conforme tra-

6. Karl P. DONFRIED, Os cultos imperiais de Tessalônica e o conflito político em 1 Tessalonicenses. In: Richard H. HORSLEY, *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 217-218.

7. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses. In: Richard H. HORSLEY, *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 161.

8. C. Timóteo CARRIKER. A hermenêutica escatológica de Paulo, p. 15-16.

9. George MILLIGAN. *St. Paul's Epistles to the Thessalonians: the Greek Text with Introduction and Notes*. London, Macmillan and Co, 1908.

duzido para a LXX, *asphaleia* é referente para a segurança das cidades ou de salvo-condutos¹⁰.

Os termos *parusia*, *apantésis* e *kyrios* fazem parte de um conjunto de terminologias políticas do Império Romano. *Parusia* – presença, vinda, chegada – está relacionada à vinda ou à visita de personagem ilustre, do rei ou de um dirigente, e na linguagem da corte refere-se à chegada de César, de um rei ou de um dirigente. *Apantésis* – encontro – é a recepção festiva e formal dos cidadãos a um rei ou dignitário prestes a visitar a cidade¹¹. E *kyrios*, senhor, usado de forma ampla também para o senhor da casa (*oikos*), na parte oriental do Mediterrâneo, no entanto, refere-se aos imperadores romanos. Outro termo freqüente nas cartas de tradição paulina e que deu origem aos testemunhos principais sobre a vida a ação de Jesus, *euangélion*, evangelho, está associado ao culto ao imperador e anunciava o nascimento de um herdeiro de seu trono ou à vitória sobre novas terras conquistadas¹².

Esses aspectos são elucidativos uma vez que a carta toma termos políticos usados oficialmente e os re-significa teologicamente; reafirmando que *parusia*, como *paz e segurança*, é direcionada a Cristo, não às ordens imperiais. 1 Tessalonicenses é, portanto, uma carta de *resistência* e espelha a realidade da cidade sob a presença do poder político, administrativo, cultural e militar do império.

A carta intercala a linguagem política, mitológica e apocalíptica. Por exemplo, em 4,17, descreve-se o arrebatamento das pessoas vivas, que acontecerá juntamente com aquelas que já morreram, entre nuvens, para o encontro (*parusia*) com o Senhor nos ares, utilizando uma linguagem mitológica. Koester entende que essa linguagem “serve para transcender o horizonte do reino terreno e descrever em dimensões cósmicas o encontro escatológico com o Senhor”¹³.

A questão do tempo é interessante na linguagem apocalíptica, profética e escatológica. Nesse texto faz-se uso de duas expressões de tempo que são *elucidativas*. Para falar do tempo *éscatos*, ou seja, o tempo futuro, da fronteira, das extremidades, usa-se o tempo *cronos*, que é o tempo da duração das coisas, e o tempo *kairós*, o tempo presente, oportuno, de agora (5,1). A questão do tempo e da circunstância tem paralelo na vinda do soberano, cuja visita era preparada com antecedência e pompa. A vinda de Cristo, contudo, será repentina: isso significa que os crentes devem estar preparados para sua chegada a qualquer momento. O elemento da imprevisibilidade e o uso das metáforas do ladrão e do trabalho de parto fazem parte da linguagem apocalíptica tradicional, destaca Koester¹⁴. Aparecem, por exemplo, em Mc 13,33-37, Mt 24,43-44 (Lc 12,39-40), 2Pd 3,10, Ap 3,3; 12,12; 16,15.

A linguagem dos tempos está vinculada à terminologia profética e escatológico-apocalíptica judaica e foi tomada pelas primeiras comunidades cristãs. A expres-

10. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses, p. 164.

11. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses, p. 161-163.

12. Cf. Karl P. DONFRIED, Os cultos imperiais de Tessalônica e o conflito político em 1 Tessalonicenses, p. 214-215, e M. CARREZ et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 50-51.

13. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses, p. 163.

14. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses, p. 164.

são “Dia do Senhor” é comum na linguagem profética e indica mudanças com juízo, justiça, segurança e salvação, mas causando destruição e sofrimento. O “Dia do Senhor vem” faz parte do credo e da tradição da pregação missionária cristã.

É importante compreender, conforme aponta Joel Ferreira, que “a literatura apocalíptica, principalmente a cristã, foi escrita como expressão de uma consciência crítica intensa. Diante do poderio dos impérios da terra, os apocalípticos, com muita fé e compromisso, apresentavam alternativas de sobrevivência para resistir à violência”¹⁵. E Néstor Míguez descreve a primeira carta de Tessalonicenses da seguinte maneira:

Inspirada pela apocalíptica judaica e pelo pano de fundo de alguns cultos populares de salvação na Macedônia, e afirmada pela promessa do Crucificado que ressuscita, levanta a esperança como espaço de vida diante das forças de opressão e da morte¹⁶.

As perícopes de 1Ts 4,13-18 e 5,1-11 têm semelhanças formais e trata-se de discursos apocalípticos. Nelas aparece material apocalíptico tradicional: palavra do Senhor, dia do Senhor, dores de parto, ladrão na noite e filhos da luz¹⁷. Koester defende que o adiamento da parusia ou a chegada inesperada ou repentina do dia do Senhor não são preocupação para Paulo e seu grupo, pois os cristãos já vivem no tempo do dia do Senhor, no tempo da luz, mas a vinda de Cristo pode ser “uma desastrosa surpresa para aqueles que proclamam ‘paz e segurança’”¹⁸. As perguntas acerca da parusia geraram-se a partir da morte de muitos cristãos antes da vinda do Senhor – o que lhes acontecerá? – e da incerteza sobre a ressurreição. O termo *koimoménon* – os que dormem –, usado para a morte, tem paralelo em outros textos (ressurreição da filha de Jairo – Mc 5,39 paral. – de Lázaro – Jo 11,12 – e de Jesus como a primícia dos que dormem – 1Cor 15,20) e indica que não é uma morte definitiva, mas que há ressurreição.

Além das expressões já mencionadas, há outros termos oficiais na perícope adotados de uma das mais importantes instituições imperiais: o exército romano. Tomam-se elementos do fardamento ou armadura dos soldados, ou seja, de quem representa a opressão e o controle estatal e que luta para defender o império, re-apropriando-os para a vida cristã: a couraça da fé e do amor e o capacete da esperança da salvação (1Ts 5,8; cf. Ef 6,11-17). A perícope de 1Ts 5,1-11 aponta para a esperança e a resistência diante da vida ameaçada pelas forças de opressão e de morte. A ênfase está na firmeza de fé, esperança e amor e no apelo para o consolo e o encorajamento mútuo: “Consolai-vos mutuamente uns aos outros e edificai-vos reciprocamente como já estais fazendo (5,11). A escatologia de 1 Tessalonicenses é, portanto, de resistência, esperança e consolo mútuo.

Marga J. Stroher

15. Joel Antônio FERREIRA, *Primeira Epístola aos Tessalonicenses*, p. 93.

16. Néstor O. MÍGUEZ, Para não ficar sem esperança. A apocalíptica de Paulo em 1Ts como linguagem de esperança. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, n. 7, 1990, p. 41.

17. C. Timóteo CARRIKER. A hermenêutica escatológica de Paulo, p. 27.

18. Helmut KOESTER, A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses, p. 167-168.